

TRIBUNA LIVRE

21
DEZEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELF. 6911 - A MARES

MENSAGEM DO NATAL

Tudo se prepara afanosamente para o Natal, que Deus queira seja para todos os nossos leitores, feliz como para nós desejamos.

Natal. Palavra mágica que alvoroça todos os corações, todos os crentes, todo o filho do Homem.

As músicas mais suaves e divinas, as palavras mais ternas e as letras mais sublimes, têm sido estudadas e cantadas em todo o universo ao Deus menino.

Dia de amor, de alegria ou de saudade ele é sempre o de entre todos o maior.

A volta do presépio brinjam as crianças ríem elevados os pais e contam as suas histórias de fadas as avós.

Há abraços, quando os netos queridos chegam e até

(Continua na 3.ª página)



BOAS-FESTAS

E FELIZ ANO NOVO

É o desejo sincero que «Tribuna Livre» formula a todos os seus colaboradores, assinantes e simpatizantes

É Urgente Salvar a Alma do Povo

Recebi há pouco o primeiro número da «Revista de Etnografia», que a Junta Distrital do Porto começou agora a publicar, confiando a direcção ao Dr. Fernando Pires de Lima, etnógrafo muito distinto e director do Museu de Etnografia e História do Porto. Esperamos que esta revista prosseguia, porventura em maior extensão, a obra do excelente «Boletim de Etnografia e História» da Junta da Província do Douro Litoral. Digo em maior extensão, e bem me parece que a tem já, porque não se limita ao estudo da etnografia portuguesa, e inclui, além de matéria nacional, trabalhos sobre folclore galego, sueco, italiano e americano. Quer dizer: a nova «Revista de Etnografia» é, mais do que uma recolha de elementos restritos ao conhecimento do povo português, uma publicação de âmbito universal, além da categoria científica, revelada pela amostra deste primeiro

número.

O facto não pode deixar de nos alegrar, por duas razões principais. A primeira é termos mais uma revista de alto nível — daquelas que podemos pôr ao lado das boas que se publicam lá fora.

Aqui há uns anos lamentei a uma pessoa que tinha funções de governo a nossa per-

(Continua na 5.ª página)

Caso venham a realizar-se, segundo as normas constitucionais, as eleições presidenciais no Brasil em 1965 poderão ter influência decisiva no futuro deste país. Tudo nos leva a crer que seráposta em jogo a opção entre um sistema conservador e um regime esquerdista. E essa convicção vem crescendo no espírito dos observadores

O Sr. D. Francisco Maria da Silva é o novo Arcebispo Primaz

A nossa Arquidiocese recebeu esta semana, com a maior satisfação e unanimidade contentamento, a notícia de que a Santa Sé nomeou Arcebispo Primaz de Braga o sr. D. Francisco Maria da Silva que ultimamente tinha sido nomeado Administrador Apostólico da Arquidiocese.

O novo Arcebispo Primaz é já bem conhecido de todos em virtude de, há cinco anos, exercer as funções de Bispo Auxiliar.

Esplêndito culto e brilhante o sr. D. Francisco Maria da Silva conquistou em toda a parte o maior respeito e subida consideração, impondo-se pela superioridade dos seus conceitos.

Com uma carreira notável ao serviço da Igreja assume um dos mais altos cargos da hierarquia religiosa do nosso País, sucedendo ao saudoso antistitite que foi o sr. D. António Bento Martins Junior, a quem a Arquidiocese deve os mais assinalados serviços.

Por efeito da sua nomeação o sr. Arcebispo Primaz recebeu as mais variadas felicitações de todos os sectores da vida civil e religiosa do Distrito e do País, demonstrativas do apreço em que é tido.

A Igreja Bracarense está de parabéns pela comprensiva escolha de Sua Santidade Paulo VI.

O Governador CARLOS LACERDA, Candidato à Presidência da República

imparciais, baseada tanto em palavras como em factos. Há ainda a considerar que existem já, declarados, três candidatos representativos das forças conservadoras — Kubitschek de Oliveira, Ademar de Barros, Carlos Lacerda, além do místico Alzirio Zarur, dirigente do novo Partido da Boa Vontade — enquanto as

(Continua na 2.ª página)

As Festas do Concelho

Interrompendo uma longa e prestigiosa tradição não se realizaram o ano passado as Festas do Concelho.

Houve á última hora, um frouxo movimento que não chegou a concluir pelo êxito.

É preciso que este ano se façam e, para isso, é preciso que se comece com tempo.

Embora não tenha sido a Câmara, no passado, a arrastar com a realização das Festas, o que lhe competia, pelo menos, como órgão de direcção, o certo é que era à sombra da influência dos que a dirigiam que tudo se passava.

Hoje o Município tem de tomar uma parte mais activa para que as Festas se façam. Aqueles que mais de perto têm aguentado com as canseiras e sacrifícios entendem, e muito bem, que lhes

deve ser dado um interregno. É preciso, pois, que surjam novas forças vitalizadoras para tomarem o facho.

É que, convenha ou não aceitar a ideia, o certo é que a falta de manifestações desse género ou de outro afim, mostram sempre um declínio na actividade de quem dirige e são peso a surgir na devida oportunidade.

Cada um vale pelo que realize por si ou pela equipa de que faz parte e o deixar de fazer as coisas nunca foi o mais acertado caminho.

As Festas têm as suas dificuldades porque são efectivamente grandes, mas é preciso mantê-las ao nível do que foram, não aos níveis que para aí se arranjam por conveniência de algum desnívelado pela ambição.

As Carreiras da Viação Auto-Motora não satisfazem

Desde tempos rumados que as carreiras da Viação Auto-Motora se faziam de maneira a que os carros chegados de Braga, pela Ponte do Porto, iam ligar à Ponte do Bico.

Ultimamente alteraram-se essas carreiras de maneira a

que aquelas que da Feira Nova iam à Ponte do Bico desapareceram.

Dizer que todas elas eram imprescindíveis e necessárias à Empresa, talvez seja forçar a nota. Mas não há duvidas

(Continua na 4.ª página)

A Unidade Pluricontinental da Nação Portuguesa teve em Carlos Lacerda, Candidato à Presidência do Brasil, um Advogado Vigoroso

A continuação de Angola e de Moçambique como províncias portuguesas foi vigorosamente defendida, num discurso, pelo governador Carlos Lacerda, que ao mesmo tempo atacou as manobras da ONU contra Portugal.

Falando numa cerimónia comemorativa do Dia Universal dos Direitos do Homem, o governador do Estado da Guanabara declarou:

«Não queremos de modo nenhum que o princípio de associação e debate, nesse parlamento internacional que

é a Organização das Nações Unidas, sirva de cobertura ou de biombo à submissão perante a arrogância do poderoso e à arrogância perante a humildade do fraco, para um anticolonialismo positivo, formal e esteriotipado, destinado, por igual, a celebrar com justiça, o advento de novas nações independentes e a forçar nações, pelo facto de serem pequenas e desprotegidas, a abrirem mão de províncias suas, como Angola e Moçambique, cujos povos ainda não dis-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Vou contar uma história

Era uma vez uma menina. Bonita? Não; nem sequer engracada! Quando muito seria simpáticaçinha; mas nem sempre.

Um dia, começou a sonhar. Com quê? Com muita coisa. Coisas que podiam realzar-se se ainda existissem fadas no Mundo... Coisas do Arco-da-Velha.

Sonhava, por exemplo... sim, também, mas não é isso que vou falar... Sonhava

ser alguém. Para quê? Ora, para quê para existir, evidentemente. Claro, ela existia, mas existia apenas para ela e para mais meia dúzia... para os outros, não.

A sua existência era principalmente interior. Por dentro vivia, por fora vegetava...

Pois essa menina queria viver também por fora. Mas não podia. Porquê? Ora, porquê... Porque a Vida não quisera que a menina nasces-

Por
Gina Costa

se sob o signo bom. E, assim, a menina guardava toda a vida no seu íntimo, bem dentro da sua alma... e da sua cabeça também.

Às vezes, essa vida prisioneira revoltava-se e a menina vibrava, chorava, sofria...

Mas de que lhe valia vibrar chorar, sofrer? Não valia de nada; a menina sabia-o e por isso calava-se.

Ela desejava que toda a gente gostasse dela... e queria gostar de toda a gente. Para quê? Para sofrer um pouquinho menos... E para utilizar a ternura infinita que lhe enchia o peito quando a revolta a não sufocava...

Mas a menina de que falo não sonhava só com isto. Não; os sonhos dela eram inumeráveis; eram tantos tantos, que chegavam a pegar ao soco dentro do seu cérebro e do seu coração... E quando tal acontecia, o cérebro queixava-se e o coração começava a bater, a bater...

O coração da menina era pequenino, mais pequenino, talvez, que o de qualquer outro mortal. Mas, Santo Deus, quanta coisa lá cabia! E havia sempre, sempre, lugar para algo mais...

Esse coração pequenino vivia dentro do peito da menina. E às vezes subia até à garganta, mas logo aí parava. A menina lechava a boca e o coração não saía... Por isso é que ninguém viu o coração pequenino que habitou dentro dum peito. A menina não deixou... Porquê?

Porque tinha medo. Tinha medo das mãos que poderiam tomá-lo sem o geito necessário; que poderiam magoá-lo, destrocá-lo, mesmo... e era tão frágil, meu Deus...

Um dia esse coração deixou de bater. Pois foi. A menina morreu, e a sua alma, deixando o corpo, subiu para lá das nuvens. Na Terra ficou apenas a matéria. Essa matéria foi enterrada e nunca mais ningém falou na menina. Sonhos, ilusões, anseios, tudo foi enterrado também. E nada restou...

E a alma, livre de tudo que a torturava, subiu, subiu sempre, leve, muito leve, e desapareceu no infinito.

Cá em baixo a vida continuou. A mesma vida de sempre. Os mesmos ódios, as mesmas paixões, a mesma maldade. Os homens continuaram a matar-se uns aos outros, arrogando-se direitos que não têm. Continuaram a



«Frederica» se chama este conjunto, e é feito num tecido de lã fina e COURTELLE, branco, com a sobreface realçada com penugem verde pálida

Culinária

Linguado «Meuniere»

Temperam-se de sal e pimenta e polvilham-se com farinha. Numa frigideira, com 150 grs. de manteiga bem quente, deitam-se os linguados e deixam-se alourar de ambos os lados. Colocam-se numa travessa, garnecem-se com salsa picada e rodas de limão. Por cima, deitam-se 100 grs. de manteiga derretida.

Bolos esquecidos

Com 250 gramas de açúcar batem-se 4 ovos, acrescentando a farinha que for necessária para engrossar. Deita-se em pequenas formas untadas de manteiga e vai ao forno a cozer em fogo brando.

Macarronete com chouriço

Num refogado de manteiga, deitam-se rodelas de chouriço de carne e rodelas de cenouras, deixando se refogar bem. Quando estiver bem refogado deita-se a água que baste para refogar o macarrão que se deixa cozer.

Quando tenro, tira-se do

lume e serve-se.

Creme Marquês

Amolece-se um pau de chocolate e coloca-se num pires, sobre uma caçarola com água a ferver. Esmaiga-se depois no fundo de uma tigela, juntando-lhe uma gema fresca e mexendo bem. Querendo deitam-se-lhe umas gotas de essência de café, adicionando-se-lhe clara batida em castelo. Coloca-se no frigorífico, ou lugar fresco. A porção aqui indicada é para uma pessoa.

Pudim de castanhas

500 grs. de castanhas; 50 grs. de margarina; 80 grs. de açúcar; 4 gemas; 3 claras de baunilha e leite q. b.

Descascam-se as castanhas e cozem-se em leite com baunilha. Escorrem-se e passam-se pelo passador. Põe-se num tacho esta massa, juntando-lhe a manteiga, o açúcar e vai ao lume durante uns minutos, mexendo sempre. Fora do lume adicionam-se-lhe as gemas e por fim, as claras em castelo. Coze em banho-maria, numa forma untada de manteiga polvilhada de açúcar. Desenforma-se e acompanha-se com natas, leite creme ou molho de alperches quentes ou com rum.

J FEMININO JORNAL
DA MULHER PARA

CINEMA HORÓSCOPO REPORTAGENS

CONSELHOS CULINÁRIA

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

R.D. JOÃO IV, 904
TEL. 30796 * PORTO

ignorar voluntariamente as suas responsabilidades e os direitos alheios. Continuaram a esforçar-se por tornar a vida cada vez mais fácil de ser vivida.

Pois se ainda existe alguém

que anseie por um «mundo melhor», esse alguém pode crer que teve uma irmã espiritual; uma menina que não era bonita, nem sequer engracada; uma menina que sonhou e sofreu; e motreu ignorada do mundo que desejava amar e por quem quisera ser amada...

TRIBUNA do CONCELHO

De - Clermont - France - FRANÇA

Realizou-se no passado domingo dia 1 de Dezembro o dia do Emigrante.

Este dia já tinha sido anunciado com certa antecedência pelo pároco português reverendíssimo Alexandre Cardoso, assistente da colónia portuguesa em Clermont-France.

Porém nunca julguei que fosse uma coisa tão comum embora simples.

Realizou-se uma missa que principiou por volta das 10,15 horas sendo celebrada por um pároco francês, no entanto sendo acompanhado por mais três: um Italiano, um Espanhol e o nosso Português.

Assistiam, portanto, emigrantes destas referidas nacionalidades.

Os mencionados celebrantes falaram para o seu povo, cada qual na sua língua.

Começo por dizer, e talvez com uma pontinha de vaidade, que a assistência mais numerosa era a Portuguesa, sendo tanta como a restante.

As poucas palavras do nosso representante espiritual, referentes ao dia do emigrante emocionaram todos quantos as ouviram e compreenderam.

Acrecento ainda, e que por feliz coincidência estava ao cimo da nossa falange uma senhora Portuguesa, com um lenço na cabeça, que tinha ao centro o escudo nacional e rodeado em todo o espaço com figuras de todos os trajes regionais portugueses. Tudo isto fazia aumentar o heroísmo português. E ao terminar as mencionadas cerimónias foi cantado em português, embora

acompanhado por todos os assistentes, visto a música ser mundialmente conhecida: O QUEREMOS DEUS.

É pena que os grandes milhares de Portugueses que vivem em Clermont-France, não acompanhem mais de perto os seus deveres para com a Igreja, esquecendo o que lhe ensinaram suas mães.

E agora fazendo umas leves referências ao nosso representante espiritual:

(Ele me perdoará esta ou-sadia) digo que foram felizes os que o indicaram para cá e muito mais felizes os portugueses que com ele convivem. É de uma popularidade incalculável. Está sempre pronto para qualquer auxílio, é uma verdadeira fonte de informações, incansável e sempre bem disposto, tendo arranjado documentação para alguns que vem clandestinos, e trabalho.

Estas modestas referências que faço ao Rv.º Padre Alexandrino Cardoso, não tem qualquer exagero, e por isso Deus o conserve com saúde e Sua graça, em companhia dos portugueses desse Apartamento.

António José Ferreira

INVERNO

Tem-se feito sentir uma invernia constante que durante o mês findo não deixam que o verão do S. Martinho nos visitase como era de esperar e nesta data encontra-se a Serra do Gerês com uma forte camada de neve. Nos Carris a estas horas a temperatura já deve ser negativa por muitos graus.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
AMODELAR**

Telefone 62113

Amares



**RELOJOARIA
MAURICIO
QUEIROZ**

CASA FUNDADA EM 1903

Ofc na completa de reparações de relógios de todo o género
completo sorte de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

EDITAL

Arnaldo da Silva Tomé, tesoureiro da Fazenda Pública do concelho de Amares.

Faço saber que durante o próximo mês de Janeiro, se acha aberto o cofre para pagamento à boca do cofre das seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Predial de 1963 (Art.º 243º do respectivo Código).

Contribuição Industrial-grupos A e B (Provisória) Art. 101º Ano de 1963.

Imposto sobre as sucessões e doações (Anuidades) 1964.

A Contribuição Predial deverá ser paga em Janeiro e Julho, quando dividida em duas prestações, e em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, quando dividida em quatro, não podendo, em qualquer caso ser as prestações inferiores a 100\$00, devendo as colectas até 200\$00 ser pagas de uma só vez, no referido mês de Janeiro.

Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição, no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição, ou sobre o da última de duas prestações sucessivas, sem que se mostre efectuado o pagamento respectivo, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da totalidade do imposto, considerando-se para o efeito, vencidas as prestações não pagas.

A Contribuição Industrial, cujas colectas sejam superiores a 200\$00, são pagas em duas prestações, com vencimento em Janeiro e Julho, devendo ser pagas de uma só vez, durante o referido mês de Janeiro, as colectas até 200\$00.

Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição, no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição ou de qualquer das suas prestações sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo da totalidade do imposto, considerando-se vencidas as prestações ainda não pagas.

O imposto s/ sucessões e doações (anuidades) tem o seu vencimento no dia 1 de Janeiro e deverá ser pago durante esse mês sem juros.

Passados 60 dias a contar de 1 de Fevereiro começarão

GAIRES

BOAS FESTAS

Ao querido Director, Editor, pessoal gráfico, numerosos leitores do nosso prestimoso jornal Tribuna Livre, aos nossos numerosos amigos presentes e ausentes, aos nossos bons amigos e conterrâneos de Lisboa, onde há pouco estivemos com sumo júbilo e prazer, enviamos cordialmente os nossos respeitabilíssimos cumprimentos de Boas-Festas, desejando a todos festas alegres e um Ano Novo muito próspero e feliz. A todos desejamos muita Saúde, muita Graça e muita Massa.

RESTABELECIMENTO — Já regressou a sua casa, após uma melindrosa operação numa casa de saúde, o nosso bom amigo Sr. António Sebastião Vieira Esteves, do lugar das Penas. Sua Ex.ª promove uma festa Congratulatória e Litúrgica em Ação de Graças, no próximo dia 25, com Missa Cantada, foguetes e

pinhões. Nesse dia de festas, o benemérito Sr. João Antunes, de Paredes Secas, vai dar aos pobres uma substancial Consoada de bacalhau, batatas, azeite e pão. Bem haja e que muitos o imitem nesta quadra festiva do Natal.

TEMPO — Por cá tem havido muita chuva, frio e vento, o que é de estranhar, a quem vem da Capital.

SENHOR ARCEBISPO PRIMAS — Causou imenso júbilo, a elevação do Sr. D. Francisco Maria da Silva, para Arcebispo Primas de Braga. Estão de parabéns o clero e fieis do Arcebispado.

As nossas felicitações a Sua Ex.ª Rev.º o nosso clero de Amares, reunido em palestra, no passado dia 18, enviou um telegrama de elusivas saudações.

C.

Boas - Festas

sinceros que neste natal e em volta do presépio, a todos seja dada do Altíssimo a paz aos homens de boa vontade, de que falam os evangelhos, para que o ano novo seja um ano próspero e feliz para todos, não esquecendo a nossa terra, que bem o merece pelos sacrifícios passados e pela dedicação dos seus filhos.

Paulo Macedo

Mensagem do Natal

(Continuação da 1.ª página)

formigos e o cacete para as rabanadas bem docinhais, nunca faltam e na maior parte das casas dura até aos reis.

Como seria bom se fosse sempre assim. Consuada-Reunião das famílias. Jogam-se os pinhões, ri-se, reza-se.

A consoada dos padrinhos, as lembranças dos namorados e as prendas do menino Jesus que descendo pela chaminé as vem colocar no sapatinho do menino bom e amiguinho dos pais, são outros tantos motivos de encanto e de encanto desta festa que o frio ou a chuva nunca arrefessem.

Sacrifica-se o orgulhoso perú nas casas mais abastadas, á folguedo, mas tudo se faz na santa paz do Senhor, tudo é bem dito, tudo é único. À meia noite terminada a festa e a ceia de Natal, já o sino toca convidando os fieis para a missa do Galo. Ali vai a paróquia render as suas primeiras homenagens ao menino Deus.

Fazemos votos ardentes e a contar-se juros de mora e o relaxe terá lugar no fim daquele prazo.

Para constar se passou o presente e idênticos, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Tesouraria da Fazenda Pública de Amares, 18-12-1963.

O Tesoureiro,
Arnaldo da Silva Tomé

Monografia de Entre - Homem e Cávado

Está concluída esta importante obra que tanto honra o Concelho de Amares.

Ora levada a cargo sem intuições comerciais, ela é devida ao carinho e sacrifício de alguns Amarenses, sendo de destacar o seu autor Senhor Domingos Manuel da Silva, que a esta obra se devotou com amor e estoicismo, pondo à prova os seus vastos conhecimentos e o seu tacto de investigador.

A Monografia está dividida em 3 volumes, sendo:

I Volume — Monografia de Amares

II » » »

III — Monografia de Terras de Bouro.

O seu custo é de 30\$00 cada volume.

Nenhum Amarense que se prese deve deixar de adquirir esta Obra que nos ensina a nossa história e dos nossos maiores de antanho, poetas, guerreiros e monges e dos seus castelos, santuários e vestígios monumentos, desde os primórdios da Nacionalidade.

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

— Então, Germana, o que poderá fazer este seu servo que muito lhe deve para que alivie esse sofrimentozinho pela sua, ou... nossa irmã?

— Muito, responde Germana; o Jorge, pode fazer de um rapaz libertino e lutador, um cordeiro, com o geito que tem, e, dada a facilidade de serem amigos... sei que lhe obedecerá.

— Pois se é apenas isso que a minha amiguinha deseja de mim, eis-me pronto a todo e qualquer sacrifício pelo futuro duma irmã! Fazer dele um cordeiro será difícil, no entanto, fazer dele um homem da sociedade, será o fim desejado, não é verdade?

— Ah, se ele fosse como o sr. Jorge...

— Sim, e porque não? Este Jorge não é um exclusivo, menina; é homem com defeitos e algumas virtudes. Garanto-lhe que verá um dia Carlos, igual ou melhor ainda que o Jorge.

— Não brinque, Jorge. Só queria apenas que agisse junto dele, no sentido de se fazer melhor. O ambiente em que vive... as companhias...

— Sim, atalhou Jorge; o convívio do rapaz é péssimo, e não poderá o espinheiro dar maçãs; contudo, farei o possível.

— Obrigada, Jorge! e se tem desejo de me servir, é este o melhor dos presentes que me pode oferecer.

Passados tempos, Jorge aproveitando uma visita de Carlos, chama-o ao seu quarto, pinta-lhe a vida com seus «pontos e vírgulas», apresenta-lhe vários exemplos, concretiza-lhe factos, acabando por lhe dar uma grande mas não fastidiosa lição de moral, e para desopilar a pressão do correctivo, falaram de amores etc. etc. A coisa correra bem: Carlos é um mar de nervos, um exteriorizador de valentia mas no fundo é um bom rapaz. Faz projectos, chora, resolve e decide-se mesmo a mudar de vida.

O tempo decorre. Carlos vai melhorando dia após dia, acabando mesmo por se filiar num movimento da A. C. de que Jorge é dirigente.

A conquista pelo exemplo e pela amizade, estava realizada.

Voltemos-nos agora para os principais intérpretes desta obra e vamos estabelecer contacto com os dois enamorados jovens que deixámos embebidos nos seus sonhos e amargurados pelo sofrimento! O silêncio estabelecerá o seu reino entre os espinhos deste Amor, e a saudade, essa companheira inseparável dos corações apaixonados no amor do silêncio, vai roendo, minando os dois amantinhos do luar! Nos cumprimentos, em encontros de família, há sempre uma pequena mensagem passada no ajuste das mãos dos dois sofredores.

Depois de uma carta em que Jorge confessava não ser digno do amor de Lúcia e expunha certas dúvidas, escutemos um desses bilhetinhos! Ele fala pela alma da Princesinha do Amor: «Jorge, por amor de Deus não duvides de mim! Serei sempre a tua Lulu! Desculpa a maneira como procuro fugir de ti! não é por minha vontade que o faço, bem o deves notar. Sofro muito. Deus o sabe! Não por tua causa: mas espero, se Deus me permitir, ser um dia feliz junto de ti! O sofrimento é próprio dos justos! Sinto-me mais feliz quando sofro! Ontem foi o dia de dar expansão a tal sofrimento: debruçada no peitoril duma janela que faz frente para a eira, era noite avançada, 1,30 da madrugada, chorei! chorei até ao esgotamento das lágrimas! Não sei porque o fiz. De maneira alguma quero que sofras por minha causa! Fico sossegada? A amiguinha Lulu.»

P. S. «Podes escrever-me para Atiães até quarta-feira. Nota bem que quarta-feira será o último dia que faço o percurso para lá; que não fique por ali nenhuma carta perdida! amanhã ou depois devo avisar-te do dia em que me convém estar contigo. Pede a Deus por mim, sim? Obrigada! Confia em mim! A tua Lulu.»

O amor de Lúcia por Jorge era, para seus pais, uma dura realidade! Jorge vivia feliz, Lúcia fazia do seu sofrimento uma ventura, pois a sublimidade desta candida alminha está no sofrer pelo ente em que se concentrará todo o seu amor, e que ela intitulava de «o seu grande amor!»

Um dia em que os dois se encontravam, não obstante a presença de sua irmãs, Lúcia não esquecera de, no cumprimento, deixar o almejando bilhetinho, o qual lhe marava um encontro em Guirrão, recôndito lugarzito perdido no regresso da escola onde se encontrava lecionando. (Não fique por dizer que Lúcia, que desde o quarto ano estuda particularmente, fizera o seu curso de regente escolar a fim de poder auxiliar os seus pais na formação de suas quatro irmãs, à data nos Liceus).

Ao contrário do horário dos encontros anteriores, este era marcado não para o regresso da Escola, mas sim, para a ida, 8,45.

(Continua)

Tribuna Livre, 21/12/1963
2.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No dia 7 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na acção de divisão de causa comum que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal e que Arminha Vilela de Sousa, viúva, da freguesia de Barbudo, desta comarca, move contra José Pimentel Soares Nogueira e mulher Elvira Pereira Pimentel, do lugar da Bouça; Rosa de Jesus Soares Nogueira e marido José dos Santos Marques, do lugar do Casal; Américo Pimentel Soares Nogueira, solteiro, maior; Francisco de Oliveira Scares Nogueira, solteiro, maior; Abel Soares Nogueira, solteiro, maior, estes do lugar de Sá, freguesia de Gême, desta comarca; Manuel de Oliveira Soares Nogueira, solteiro, maior; Maria de Jesus Soares Nogueira, solteira, maior; Carolina de Oliveira Nogueira, viúva; Maria de Sousa Nogueira e marido Aníbal Gomes Peixoto, todos desta vila; Rosa de Oliveira Soares Nogueira e marido João Martins Alves, moradores no Bairro da Saúde, S. João da Madeira, comarca de Oliveira de Azeméis; Rogério de Oliveira Soares Nogueira e mulher Maria Luiza Violante Dias Nogueira; António Soares Nogueira e mulher Rosa Natalia Faria Ferreira Nogueira, estes residentes na rua Formosa N.º 348, da cidade do Porto; e Fernando de Oliveira Soares Nogueira, e mulher Aida da Conceição Nogueira Gomes, residentes na rua Caraguatuba N.º 55, comarca de Santos, Estado de S. Paulo, Brasil. será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio pertencente à autora e réus atrás mencionados:

Quinta de Sá de Baixo, composta de uma casa de morada, com eira, sequeira e canastro, Campo de Vilar do Fundo, Campo de Vilar do Meio, Campo do Lameiro, Campo da Tarrasteira, Campo do Pomar de Dentro, Campo do Pomar de Fora, Leira de Trás das Cortes Leira do Coberto, Bouça da Sequeira, Campo da Tarrasteira de Cima, Campo da Vinha e Bouça junta, e Leira da Horta, inscrita na matriz urbana da freguesia de Gême sob o artigo 100 e na rústica sob os artigos 82, 83, 84, 80, 85, 91, 92, 87, 90, 86, 88 e 89 e descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca no N.º 4195, a fls. 49 do Livro B-12, confrontando no seu todo, do nascente e norte com o regato da Poça da Enxuguela, e com a Quinta de Sá de Cima, poente com o caminho que vai para Mós e do sul com o caminho e Luiza Pimentel, a qual entra

Carlos Lacerda advogado vigoroso

(Continuação da 1.ª página)

seriam que pretendem ser independentes de Portugal, a que pertencem. A circunstância meramente ocasional de se encontrarem geograficamente distantes e de serem etnicamente de maioria racial diversa em nada invalida, com efeito, a unidade da Nação Portuguesa com as suas províncias ultramarinas.

«Admitir o contrário seria admitir que a ONU também pode provocar a separação de certos territórios dos Estados Unidos por terem uma população de cultura hispano-americana e não anglo-saxonia, como a maior a da Nação norte-americana. Isso corresponderia a argumentar com a distância geográfica para admitir a hipótese de intervir a ONU também no Havai, por exemplo, a fim de separá-lo dos Estados Unidos, embora os havaianos não tenham expressamente declarado essa intenção».

O governador Carlos Lacerda salientou ainda:

«Estas observações vêm a propósito para que não se confunda o nosso apreço pela obra da ONU e sobretudo a nossa total e cotidiana adesão à declaração dos direitos humanos com essa espécie de hipocrisia internacional, graças à qual se celebra uma declaração de direitos ao mesmo tempo que se espezinham esses mesmos direitos nas votações de maiorias ocasionais ou nos rasgos demagógicos dos que se reúnem em Washington e na ONU para ofender a dignidade de povos livres com os seus arreganhos de forças e suas explicações demagógicas».

em praça por Esc. 99.936\$00. Sobre o prédio a arrematar incide a favor de José Fernandes Dias, casado, negociante residente na cidade de Braga, o domínio directo de um foro anual de 26.059 litros de trigo, correspondentes a uma e meia rasas, 285.029 litros de pão meado (milho alvo e centeio) correspondentes a quinze rasas e vinte e sete trinta e dois avos, 53,86 litros de vinho correspondentes a um almude e vinte e cinco trinta e dois avos pela antiga aquatorizada do extinto convento de Rendufe, e setecentos e cinquenta e sete e meio réis em dinheiro, com laudêmio da quarentena.

Vila Verde, 29 de Nov. de 1963

O Escrivão de 2.º Secção,

a) — António Monteiro

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

Viação Auto-Motora

(Continuação da 1.ª página)

que em algumas se privou o povo de carreiras de muita utilidade e se tirou à Empresa um lucro seguro.

Há três que são flagrantes na necessidade e no rendimento: a das 7,30 da Feira Nova à Ponte do Bico, a das 10,30 e a das 19,30, da mesma localidade para a mesma Ponte.

Estas carreiras andavam quase sempre repletas e desde que se acabou com outras, como a das 9,15 e 4,30, não há dúvida que o movimento ainda aumentaria.

A anulação total das carreiras Feira Nova — Ponte do Bico não se justifica e trará ainda maior prejuízo à Empresa porque o povo se habitua às Carreiras do Gerês e depois, mesmo no caso da concorrência, preferir-as, como já se vê nas horas de carreiras das duas concessionárias.

Não acreditamos que outra Empresa não aproveite sem demora as lacunas que se abriram com estes horários e a Viação Auto-Motora perderá definitivamente a posição de que sempre desfrutou.

Carlos Lacerda, candidato

à Presidência da

República

(Continuação da 5.ª página)

que sou anticomunista militante». Mas não sou apenas anticomunista. Acho que ser «anti» é pouco. Sou a favor da escola para todos, a favor do trabalho honesto e do livre exercício, fecundo, substituível, da inteligência criadora, Sou a favor da liberdade com responsabilidade. Sou pela autoridade como único meio eficaz de garantir a liberdade de todos. Sou a favor da lei interpretada pela justiça e não pelo Presidente da República».

E para terminar:

«Decididamente, a ideologia é uma impostura na democracia. É um flagelo vindo do mundo totalitário. A ideologia é responsável pela fome, pela guerra e pela tirania. Ideias, sim. Ideologia, não. «Tratemos de sustentar nossas ideias e levá-las à ação. É o que tenho feito. E, se quiserem analisar os actos de meu Governo do Estado da Guanabara, encontrarão, atrás de cada acto substancial, uma ideia, um critério, um conceito do qual esse acto é a aplicação. Por isto reivindico do povo a oportunidade de implantar no Brasil, com a sua ajuda, um governo cujas ideias se convertam em ação. Um governo com um programa, fundado numa doutrina, a do aperfeiçoamento constante e progressivo da sociedade humana, dentro das limitações naturais do homem e da sua sociedade». — ANI

Visado pela Censura

É urgente salvar a Alma do Povo

(Continuação da 1.ª página)

núria de revistas de alta categoria, ao lado de outras que viam no estrangeiro. E apontei algumas, de países bem próximos de nós pela cultura e pelas responsabilidades históricas: revistas de Filosofia, de Teologia, de História, de Sociologia, de Ciências Físicas e Matemáticas, de Biologia, de Literatura e Artes... A resposta foi esta: que não podíamos ter a pretensão de alcançar o que tinham países mais ricos, de mais extensa preparação cultural, de base populacional que permite naturalmente seleccionar mais elementos óptimos. Não fiquei muito convencido: sempre tive para mim que em certos aspectos interessa sempre mais a qualidade e a organização.

Quer dizer: se, em vez de termos cinquenta homens de valor, dispersos, a dar uma colaboração rara a cinquenta publicações pobres, juntarmos esses homens em cinco boas revistas, tanto quanto possível especializadas, a dar o melhor do seu esforço num trabalho coordenado, os resultados hão-de ser necessariamente diferentes. E a prova está no que se fez neste país, desde a época já distante em que eu me lamentava, até ao presente. Temos hoje uma boa revista de Filosofia, publicada pela Faculdade Pontifícia de Braga, temos boas revistas de Sociologia e de Problemas Ultramarinos, temos algumas excelentes publicações de ciências naturais, principalmente no que se refere ao Ultramar. E podemos também contar em África algumas publicações de categoria, nomeadamente o «Boletim do Instituto de Angola». Pois temos agora, pela amostra e pelas responsabilidades do director e editores o auguramos, uma boa revista de etnografia. É motivo de regozijo.

Por outro lado, e não será demais insistir: é urgente recolher, do que resta com autenticidade das velhas tradições populares tudo quanto for possível. É que a Etnografia não é apenas uma ciéncia. É um instrumento de educação popular e um repertório de elementos de criação artística.

Em artigo que publica neste primeiro número da revista, diz o Dr. Jorge Dias:

... podemos dizer que etnografia portuguesa é o estudo científico da herança social do povo português, desde as suas mais remotas origens até nossos dias. A etnografia portuguesa procura, por um lado, analisar minuciosamente as diferentes sub-áreas culturais portuguesas, ou seja as culturas regionais, e explicar a origem, formação e função dos dife-

rentes elementos e complexos culturais, relacionando-os com o seu ambiente natural e com a sua história particular: isto é: estudando-os sob o aspecto ecológico, funcional e difusãoista. Por outro lado, a etnografia portuguesa tentará a interpretação da cultura portuguesa, como cultura nacional».

O interesse não apenas de saber, mas também de natureza utilitária, do conhecimento e interpretação da cultura nacional está nisto: é que nessa cultura há elementos constantes, que são os que definem as linhas mestras da comunidade e os caminhos naturais do seu progresso. Nas sociedades humanas, tal como nos indivíduos, há caracteres que os distinguem e os impelem nas actividades da vida, no trabalho como na expressão artística — em todos os campos, afinal, onde se reflecte uma determinada maneira de ser.

As condições da vida moderna, dispersiva, razoante, rápida mas monotonizadora, levam ao esquecimento, ao desprezo desses valores da alma colectiva.

Mas há um momento, ou há momentos, em que é imperiosa a necessidade de conhecer e sentir, nas vibrações da alma, esses ecos de uma personalidade que permanece viva.

Nós temos entre nós, por enquanto, apenas alguns sinais do que é necessário fazer. O Museu Etnográfico e Histórico do Porto e o Museu da Arte Popular de Lisboa são dois bons sinais. Há, por esse país fora, homens de boa vontade, a recolher laboriosamente as lendas, os romances, as músicas, as cantigas, a apontar os bailados, a registar o que resta do vestuário e dos costumes, as manifestações de personalidade diferenciada, que têm resistido à influência deseducadora exercida pela cidade ou às seduções de novidade pelos chamados meios audiovisuais de informação.

O que sucede entre nós, também acontece lá fora. E de tal maneira que nos próprios países chamados socialistas, em fase de intensa industrialização, há o cuidado de criar museus — onde o povo mantenha a lembrança do que efectivamente é lá por dentro, nas estruturas íntimas da alma colectiva.

Claro que não se trata de uma descoberta do nosso tempo. Há cinquenta anos já, existe na Holanda, em Arnhem, um museu ao ar livre — num parque de 33 hectares, com oitenta e tantos prédios — onde se recolhe, se dispõe e se mostra, com intenção instrutiva, todos os elementos relativos à vida

Carlos Lacerda

Candidato à Presidência da República

Continuação da 1.ª página

esquerdas, ao que tudo indica, só apresentarão um candidato. Isto quer dizer que, enquanto os primeiros se dispersam perante o eleitorado, os segundos se unificam, não obstante as suas divergências bem nítidas e conhecidas. As eleições poderão ter assim, desde logo, esta característica.

As eleições presidenciais brasileiras hão-de interessar-nos muito, a todos nós, portugueses. Se tudo não se passar como desde já desejamos, algo de muito grave poderá ocorrer para quantos estiverem ligados, por qualquer forma, a este país. É, pois, de bom aviso que desde agora começemos a acompanhar o desenvolvimento da campanha para estas eleições presidenciais, campanha já iniciada.

Prometemos tentar dar uma noção tanto quanto possível aproximada e esclarecedora desse pleito presidencial, sem o menor partidarismo. O

rural dos holandeses antes deste século. Os vários tipos de casas de habitação e de celeiros, os moinhos, as oficinas de ferreiro, de marceneiro, de pintor, a cervejaria, a carvoaria, a tinturaria, a fábrica de velas, o estaleiro, o tear, até a casa do artífice de tamancos de madeira — tudo o povo ali encontra e, ao encontrá-lo, vai ouvir, sem dar por isso talvez, aquelas vozes distantes, mas intimas, que todos os homens, como todos os povos, trazem dentro de si.

Temos, por enquanto, dízia, alguns sinais. Mas é urgente recolher o máximo. Creio bem que o trabalho a fazer já não será para uma só equipa, mas para várias equipas, que mergulham em todas as camadas do povo, a pesquisar, a recolher, com o máximo de meios das técnicas modernas: a fotografia, o cinema, a gravação de som.

É urgente e desculpem a insistência, cuja razão vejo agora confirmada pela autoridade do Dr. Jorge Dias:

«Nós, portugueses, estamos não nas vésperas, mas em plena fase de perdermos toda essa riqueza do passado. Se não corrermos rapidamente a salvar o que resta, seremos amargamente acusados, pelos vindouros, do crime indesculpável de ter deixado perder o nosso património tradicional...».

É certo que, nesta altura difícil, há tanta coisa a defender! É certo — mas não julguemos de somenos importância salvar a força tradicional, a consciência de personalidade, a própria alma do povo! — ANI

nosso dever é apenas dizer a verdade, sem de longe procurar interferir, uma vez que se trata, obviamente, de assunto da exclusiva competência de brasileiros.

Para tanto, começemos por apresentar algumas ideias dos candidatos, para que se saiba quais são os planos e as definições de cada um. Iniciamos a série com as declarações do candidato Carlos Lacerda à revista «Manchete», embora em síntese, desde que nos é impossível transcrever uma entrevista de mais de três páginas. Recolhemos, por isso, apenas algumas frases e afirmações mais significativas. Damos a palavra ao candidato Carlos Lacerda:

«Eis aqui a minha definição digamos ideológica. Começo por sustentar que um verdadeiro democrata não tem ideologia. A democracia comporta, exactamente, uma variedade de soluções para os problemas, que vai das medidas socializantes à liberalismo, conforme as circunstâncias, o tempo histórico, as necessidades e as limitações. Há, neste sentido, no democrata, uma disponibilidade, uma disposição de procurar as soluções sem preconceitos nem prevenções, que é precisamente o contrário do que se enquadra num sistema, numa ideologia. Tenho, sim, uma doutrina. E um programa. Tenho ideias. Mas não uma ideologia. A diferença está em que não sou escravo de nenhum sistema, não preciso optar segundo ideias preconcebidas e, sim, na medida das necessidades, conforme os interesses reais do povo e as imposições do bem comum.

«Aprendi com Marx e não esqueci a lição: é preciso parar de explicar o mundo e tratar de transformá-lo. O que se faz necessário é um activismo animado por ideias claras, dessas que não tem medo de confundir bom-senso com mediocridade. Pode-se ser imensamente mediocre com ares de sociólogo, como se pode ser genial com conceitos muito simples, como o de Benjamin Franklin, ao dizer que sem trabalho não há liberdade que dure, nem progresso verdadeiro. O suor é que poupa suor e lágrimas, eis o que penso a respeito do desenvolvimento, da esquerda da direita e de todos esses rótulos e slogans. Pensar é uma forma de trabalhar. E o trabalho é pensamento cristalizado».

Sobre o Mercado Comum Europeu e a política externa brasileira:

«A propósito, e sempre encaminhando uma definição clara, devo dizer que não tenho receio nenhum do

Mercado Comum Europeu. Ao lado do Mercado Comum deste continente, devemos receber o europeu como um facto consumado. Mais do que uma ameaça, representa ele um estímulo à diversificação da nossa produção e uma certeza de investimentos de capitais e técnica, que tem disponíveis, no nosso país. A questão é conquistar a confiança no Brasil, a que ele teve e pode recuperar em pouco tempo. Isto não se faz com uma política exterior conduzida a pontapés, que a pretexto de «independência» rompe todas as alianças do Brasil e volta as costas à própria América Latina, para se interessar pelo intercâmbio comercial com a Bulgária e a Jugoslávia. E faz às nações africanas promessas que não consegue cumprir, demoralizando junto a essas novas nações a confiança que elas teriam no Brasil. E repele, melancolicamente, o erro de confiar na Rússia como fornecedora de capitais e técnica, apesar das lições que Nasser aprendeu à própria custa — e que no mundo inteiro, do Ghana a Cuba, está à vista de todos: sem submissão à Rússia não há colaboração com a Rússia».

Acerca da situação actual do Brasil:

«O que se dá, hoje, no Brasil, é uma revolução capitalista. O povo adquire hábitos de consumo, deseja ser proprietário, percebe que a autoridade é essencial à liberdade. A maior parte dos intelectuais que simpatizam com o comunismo são anarquistas que não ousam dizer o seu nome. Simpatizam com a crítica dos comunistas às «estruturas». Mas abominam o comunismo como solução, quando o conhecem».

Quanto ao seu plano de trabalho:

«Pensamento e acção. Nem os políticos sem ideias, nem os meros ideólogos, ou mesmo os simples idealistas. O povo está percebendo que um governo, que faz, faz melhor e mais quando é também um governo que pensa o que faz, e por isto, sabe o que está fazendo. É aí que uma doutrina é essencial. E sua natural aplicação prática — um programa. Um programa importa em opções, em prioridades, escolhas enérgicas e decisivas. Que fazer primeiro? O que deve ser feito primeiro. Que deve ser feito primeiro? O que pode melhorar a vida do maior número».

A uma pergunta: «Sendo anticomunista, considera-se democrata? — respondeu Lacerda:

«Porque sou democrata é

Continua na 4.ª página

DESPORTOS

Dois Eliminados, um que continua

Foi tudo mau, no Restelo, quando o Belenenses tentou marcar os golos de que necessitava para a passagem aos quartos de final da Taça das Cidades com Feira.

Na Cidade Eterna, na primeira «mão», o Belenenses jogara bom futebol, contra a milionária equipa do Roma e, embora saindo vencido por 2-1, deixara na Itália bom cartaz.

Agora, porém, em Lisboa, o Roma abandonou todas as velocidades de atacar e marcar, limitando-se a defender de todo o modo: até ao intervalo, com o sistema do «ferrolho», na segunda parte reforçando ainda esse sistema. Era a renúncia à prática de futebol.

Da renúncia dos italianos ressentiu-se o encontro no aspecto técnico e no aspecto disciplinar. Técnicamente, porque o Belenenses, de fronte a uma turma que «não jogava» futebol, entrou também pelo caminho paralelo — e o que fora sistema esclarecido e bem ligado em Roma foi em Lisboa confusão e mau tratamento de energias, pessoalismo e esforço individual, correria e insistência na finta, em vez da filigrana de passes em que era a bola e não o jogador que andava. Disciplinarmente, porque o Roma, entre os utensílios com que reforçou o seu «ferroího», empregou com larguezas o choque, a carga, o trabalho de cotovelo, por vezes mesmo o «toque» mal intencionado. E o Belenenses só de reagir...

Para mais, o árbitro espanhol Echevarria fez gala de diversidade de critério para julgar a mesma falta cometida por uma ou por outras equipas — às vezes, até, para julgar duas faltas semelhantes, cometida pela mesma equipa. A lei da vantagem, com que se procura evitar que o infractor beneficie, ao interromper-se a jogada, para ser contra ele marcado um castigo, nunca foi observada.

Com más equipas e mau árbitro não pode haver bom público. A do Restelo foi simplesmente deplorável, assumindo atitudes e chegando a actos impróprios de desportistas.

Até mesmo o tempo brinde de Portugal em quase todo o ano, assumiu mau caráiz para a noite do encontro: frio abaixo do normal, aguaceiros repetidos em intervalos periódicos.

Foi este o cenário, foram estes os intérpretes de mais um acto de futebol que não deixa saudades. E com ele a eliminação da segunda das três equipas portuguesas que concorrem aos torneios europeus: primeiro fora o Benfica, com a desastrosa derrota de Dortmund, agora o Belenenses, com a pouca inteligente derrota de Lisboa.

Voltam-se agora as esperanças para o terceiro e último clube português ainda em jogos europeus: o Sporting, que eliminou já da Taça das Taças os representantes de Chipre e da Itália, não se sabendo qual o próximo adversário que o sorteio lhe destinará.

Atendendo, porém, aos problemas ultimamente surgidos nessa mesma equipa do Sporting — que este ano já desceu à classificação mais baixa que regista nas últimas dez temporadas (sétimo lugar) — pode justificadamente recuar-se pela sua permanência na prova.

A não ser que, como já tem acontecido ao Benfica em temporadas anteriores, consiga o Sporting para os confrontos internacionais abrir parentesis na sua luta de dia a dia pelo título de campeão nacional e arrancar uma boa exibição — exibição que está, ao fim e ao cabo, perfeitamente ao alcance da sua equipa, em que há bons jogadores para cada lugar e para cada missão.

Prossegue em Ponta Delgada o torneio de classificação da Taça de Portugal

Nos jogos disputados a contar para a primeira «mão» da primeira eliminatória do torneio distrital de classificação para a Taça de Portugal em futebol registaram-se os seguintes resultados: Micaelense-Máritimo, 2-2; Santa Clara-União Sportiva, 5-0; Operário-União Micaelense, 2-3.

Torneio de classificação para a Taça de Portugal em Angra do Heroísmo

Nos jogos disputados no torneio de classificação para a Taça de Portugal, registaram-se os seguintes resultados: Praiense-Vilanovense, 4-3; União-Juventude, 5-1.

BELENENSES E BENFICA

no comando da classificação do nacional da primeira divisão o Olhanense perdeu outra vez e parece desde já condenado a baixar de divisão

Mostrando maior pujança, o Sporting venceu o Benfica e deu maior interesse ao campeonato nacional de futebol.

Com efeito, se a equipa leonina perdesse, não só veria as suas aspirações muito comprometidas como permitiria ao

Benfica isolar-se no comando da classificação geral, dois pontos afastados do Belenenses. Assim «azuis» e «encarnados» compartilham o primeiro posto, seguidos pelo Porto com menos um ponto e pelo Sporting — que chegou a estar em sétimo lugar — com menos dois pontos.

Os resultados foram os seguintes: Sporting-Benfica, 3-1. Belenenses - Barreirense, 2-0. Guimarães - Académica, 2-1. Leixões-Vazim, 3-1. Cuf-Seixal, 2-2. Lusitano-Olhanense, 2-1. Seixal-F. C. do Porto, 0-1.

A classificação actual ficou assim ordenada:

Benfica	14
Belenenses	14
Porto	13
SPORTING	12
Académica	11
Setúbal	11
Guimarães	11
Leixões	10
Cuf	9
Lusitano	7
VARZIM	6
Barreirense	4
Seixal	4
OLHANENSE	0

Visado pela Censura

SEGUNDA DIVISÃO

O PENICHE isolou-se no comando da classificação da Zona Sul

Dos grupos que estão a disputar o campeonato nacional da segunda divisão, na zona Norte, o Salgueiros perdeu em casa, e foi alcançado por outros dois clubes, e na zona sul o Peniche isolou-se no comando da classificação.

Os resultados da jornada foram os seguintes:

ZONA NORTE: Boavista-Oliveirense, 1-1. Sanjoanense-Braga, 1-2. Lusitano-Famalicão, 4-3. Salgueiros - Beira-Mar, 0-1. Espinho - Covilhã, 1-5. Vianense-Leça, 2-1 e Marinhense-Feirense, 2-2.

ZONA SUL: Farense-Beja, 1-2. Sacavenense - Oriental, 0-0. Luso - Cova da Piedade, 1-1. Montijo - Peniche, 0-1. Lusitano de Vila Real-Torriense, 0-4. Os Leões - Alhandra, 1-0 e Portimonense - Atlético, 1-2.

As classificações são as seguintes:

ZONA NORTE

Salgueiros	13
------------	----

Covilhã	13
BRAGA	13
Marinhense	12
Beira-Mar	12
Feirense	11
Leça	9
Boavista	9
Oliveirense	8
Vianense	7
Espinho	6
Sanjoanense	5
Famalicão	4
Viludemoinhos	4

ZONA SUL	
Peniche	13
Montijo	11
Farense	11
Torriense	11
Alhandra	11
Cova da Piedade	10
Oriental	10
Atlético	9
Beja	8
Os Leões	7
Portimonense	7
Luso	4
Lusitano de Vila Real	4
Sacavenense	4